

OS ESTUDOS DE CIÊNCIAS HUMANAS SOBRE A ÁFRICA LUSÓFANA NO EXTERIOR (1961/1982)*

Carlos Serrano
Centro de Estudos Africanos da USP

Introdução

De uma análise sucinta dos trabalhos e bibliografias de ciências humanas que se refere à África lusófona, a primeira constatação é a de que a maior parte dos estudos, referentes a este espaço africano, só a partir da década de 60 recebe um notável incremento, dada a generalização da luta de libertação nacional em todos os territórios do sistema colonial português. Aqueles estudos, que apareciam, na maior parte das vezes produzidos na metrópole-colonizadora como um apêndice circunstancial de suas histórias ou como instrumento de controle do sistema surgem, agora, subvertendo a ordem estabelecida e procurando uma outra objetividade. E isso só parece ser possível pela exterioridade dos cientistas sociais ao próprio sistema, bem como pelo discurso das lideranças políticas dos movimentos de libertação.

Nestes últimos vinte anos temos quase que uma exclusividade de análise que se refere ao espaço africano lusófono realizada fora, por cientistas sociais também situados no exterior.

Quem, e o que escrevem?

Num levantamento por nós efetuado através de publicações de diretórios por país, relatórios, newsletters, informes de centros de estudos e informações pessoais temos uma distribuição por país da seguinte forma:

Estados Unidos — começamos por este país porque aí se encontra grande massa de informação e estudos realizados sobre os novos países africanos de expressão portuguesa. A maioria dos pesquisadores são acadêmi-

* Comunicação feita no 3º Congresso da ALADAA (Mesa Redonda sobre "Relações Portugal-África"). Rio de Janeiro, agosto de 1983.

cos e por isso se encontram espalhados em boa parte das universidades americanas onde existem centros de estudos africanos ou programas correlatos. No entanto, existe um diretório denominado Group on Modern Portugal and Portuguese-speaking Africa que centraliza a maior parte das informações de seus associados bem como a natureza de seus trabalhos e dos eventos (colóquios, simpósios, congressos) de que possam participar. Esta associação congrega também pesquisadores de outros países, mas a maioria são pesquisadores norte-americanos, cerca de 60.

Existe um enorme número de artigos publicados em revistas especializadas em África, mas os trabalhos mais expressivos, dos quais alguns foram editados, são teses de Mestrado e Doutorado.

Inglaterra — como nos Estados Unidos, a maior parte dos pesquisadores ingleses encontram-se dispersos por várias universidades onde existem cursos ou centros de estudos africanos. Existem mesmo alguns professores ingleses em universidades americanas ou canadenses ou em países africanos anglófonos interessados na África de expressão portuguesa. Não existe nenhuma associação específica, pertencendo a maioria à Associação americana já citada; são cerca de 25 pesquisadores.

Alemanha — nesse país o panorama é mais ou menos idêntico aos anteriores, mas, congregados em torno de Grupo de Trabalho sobre a África de Expressão Portuguesa, a APSA (Arbeitskreis Portugiesischsprachiges Afrika) que reúne cerca de 40 pesquisadores entre professores e estudantes que realizam suas teses de Mestrado ou Doutorado.

França — talvez preocupados com o espaço africano francófono, o número de pesquisadores franceses interessados na África lusófona não é expressivo, cerca de 10. A maioria dedica-se ao estudo das novas literaturas africanas de expressão portuguesa, e é aí que se encontram o maior número de informações, centralizadas em alguns centros de estudos ou programas de estudos de literatura e civilização da África lusófona, como os programas da Universidade de Paris VIII, o Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros da Sorbonne (Paris III) e a Universidade de Haute-Bretagne (segundo a informação de J.M. Massa).

Cumpra aqui fazer uma ressalva no que diz respeito a uma certa expressividade de trabalhos e artigos, sobretudo sobre Angola, mesmo algumas teses de Mestrado e Doutorado, que apareceram editadas nesse país. Elas se referem sobretudo a análises feitas por autores sociais no exílio, ali fazendo seus estudos, lideranças políticas, servindo-se dos periódicos especializados para expressarem seus pontos de vista, aproveitando a recente independência da Argélia, através dos comitês de apoio dos militantes franceses. Aliás, em todos os países citados temos a presença de comitês e trabalhos do mesmo teor.

Portugal — depois de momentos de perplexidade e de recomposição política que se seguem à Revolução de 25 de abril e às independências atri-

canas, surge um novo alento entre pesquisadores portugueses procurando uma nova objetividade em seus estudos. A maior parte ligada às universidades e regressados muitos deles do exterior, onde realizaram seus cursos de ciências humanas e suas teses. Dispersos pelas universidades do país, ainda não se congregaram em nenhuma associação que lhes dê uma maior coesão. Contudo, várias iniciativas parecem conduzir a esse fim, como o Centro de Estudos Africanos do I.S.C.T.E. que congrega pesquisadores de várias universidades. Em fase de reorganização, o Laboratório Nacional de Investigação Científica Tropical — L.N.I.C.T. (ex-Junta de Investigações Científicas do Ultramar) parece também procurar novos rumos ao publicar um Directory bastante completo de pesquisadores da África lusófona, editado pela Profa. Jill Dias. A existência ainda de um Centro de Estudos Africanos na Universidade Clássica de Lisboa, concentrando a sua atividade no campo da literatura africana, seminários de sociologia e antropologia africana nos programas da Universidade Nova de Lisboa e um núcleo de estudos no Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra são mais algumas das iniciativas que emergem desta nova situação em Portugal. De nosso levantamento realizado podemos contar cerca de 40 pesquisadores sobre a África lusófona.

Outros Países — existem ainda pesquisadores isolados com trabalhos sobre a África lusófona no Canadá, Brasil, Itália, Suécia, Bélgica e outros países africanos, somando cerca de 25 pesquisadores.

Não existem dados disponíveis sobre os países socialistas. Neste nosso levantamento, que comportou cerca de 200 pesquisadores recenseados segundo os diversos diretórios temos, portanto, a seguinte distribuição:

E.U.A.	30% dos pesquisadores
Portugal	20%
Alemanha	20%
Inglaterra	12,5%
França	5%
Outros	12,5%

Outros dados mais objetivos referem-se à qualificação destes mesmos pesquisadores segundo as mesmas fontes, e apresentam a seguinte distribuição:

Historiadores	37,5%
Cientistas Políticos	17,5%
Sociólogos	15%
Antropólogos	12,5%
Esp. em Letras	10%
Geógrafos	3%

Economistas	2,5%
Demógrafos, Juristas e Outros	2%

Poderíamos, a partir destes dados, tirar algumas conclusões, mas preferimos testar ainda estes números através da análise dos trabalhos por nós levantados sobre Angola no mesmo lapso de tempo, segundo o seu conteúdo e sua procedência, e tivemos a seguinte distribuição:

Amostra de 500 trabalhos sobre Angola (Bibliografia sobre Angola publicada no exterior, Serrano, 1977 – em atualização).

		Conteúdo Disciplinar	
E.U.A.	34%	Ciência Política	48%
França	22%	História	20%
Inglaterra	10%	Informações gerais	6%
Alemanha	5%	Literatura	6%
Angolanos no Exílio	5%	Sociologia	5%
Canadá	4%	Antropologia	5%
Bélgica	3%	Economia	5%
Brasil	3%	Geografia	3%
Vários Países Africanos	4%	Direito	2%
Suécia, Holanda, Suíça, Itália	4,5%		
Países Socialistas	3%		
África do Sul	2%		

Conclusões

Tal como nos quadros anteriores, fica patente uma produção científica em ciências humanas sobre Angola em particular, e sobre a África lusófona em geral, com incidência nos mesmos países e nas mesmas disciplinas.

Os centros de produção científica de idéias e análises sobre aquele espaço africano são os pólos hegemônicos do poder político, da produção do saber dentro de contexto internacional.

Se levarmos em conta que a maior parte das análises futuras devem recorrer às já realizadas como obras de referência, estes trabalhos podem comportar um viés inicial, caso não se realize uma crítica radical à massa de informação existente. Isto porque podemos afirmar que uma grande parte destes trabalhos contém uma postura política implícita, coerente com aqueles pólos do poder. Não queremos fazer uma generalização que elimine "tout court" este grande número de trabalhos, mas uma crítica epistemológica faz-se necessária para uma verdadeira descolonização das ciências humanas, no que se refere à África lusófona em particular. Se pensarmos

que a maior parte destes estudos foram realizados principalmente por historiadores e cientistas políticos e que a maior parte destes trabalhos são análises históricas e políticas da realidade imediata, em mutação, tememos que estas mesmas análises tomem o caráter de verdades definitivas que podem comprometer os trabalhos futuros. Esperamos que os cientistas sociais comprometidos com a construção de uma "história imediata" do espaço africano lusófono leve em conta: (citando o Prof. Alfredo Margarido) "o historiador assume (ou deve assumir) a responsabilidade do conhecimento, que não é uma contemplação passiva, mas antes uma intervenção ativa, e cuja estrutura deve estar presente em permanência nos resultados apresentados. Por isso a descrição das condições e do lugar do fabrico da história permite a superação da redução, que intervém sempre em qualquer tentativa de descrição definitiva. Ou seja, a história é um lugar de definitivos provisórios".

Alguns passos parecem fundamentais a esta nova descolonização; para finalizar, são eles:

- crítica à massa de informações e obras acima citadas,
- formação de centros de documentação e informação, que permitam recurso às fontes primárias quanto possíveis,
- realização de colóquios para troca de informações e maior crítica aos trabalhos realizados,
- maior incentivo à criação de cursos de ciências humanas nos novos estados africanos, que permita a formação de uma massa crítica autónoma.

Bibliografia

- Directory of Conference Group on Modern Portugal and Portuguese-speaking Africa e vários Newsletters, Durham, New Hampshire, U.S.A.
- Diretório do Arbeitskreis Portugiesischsprachiges Afrika, Freiburg, February 1980. Alemanha.
- Directory publicado pelo Laboratório Nacional de Investigação Científica Tropical (L.N.I.C.T.), Lisboa, 1980.
- Serrano, Carlos – Angola, bibliografia, S.P. 1977.
- Margarido, Alfredo – Prefácio a Ensaio sobre a Revolução Francesa de François Furet, Lisboa, 1978.